

# JORNAL **ABAIXO ASSINADO** JPA

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 21 - Abril de 2026 - N° 197

(21) 97246-2213 • jornalabaixoassinado@yahoo.com.br • facebook.com/jaajrj • instagram - @jaajrj

## Caos impera na Baixada de Jacarepaguá

Por isso, estamos criando o

### Fórum Popular

• Sem ciclovias



Concentração da manifestação em 21/09/2025, na véspera do Dia Mundial Sem Carro, na Praça Professora Camisão, na Freguesia

- **Corredor Cultural sem implementação**
- **Violência afasta crianças das escolas**
- **Violência em disputa territorial faz homicídios dispararem**

Páginas 3, 5 e 6

#### História da Região

- **Rio das Pedras: luta dos posseiros nos anos 1960**
- **História do Pau da Fome**
  - A “Guerra dos concunhados”
- **A Trajetória do PVNC**

Páginas 6, 8 e 9

#### Descobrimos Talentos na Região

- **Artista plástico Marcelo Pereira Martins**
- **O jazz de Pedro Moreira**

Página 7

#### Urgente

Mais de 500 mil mulheres obtiveram medidas protetivas em 2025. Página 4

#### Editorial

## I FÓRUM POPULAR DA BAIXADA DE JACAREPAGUÁ

#### Organização do Jornal

#### Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens (JAAJ)

Prezados companheiros e companheiras, lideranças comunitárias e representantes de movimentos sociais e culturais,

É com espírito de união e compromisso com as transformações sociais que convidamos vocês para o **I Fórum Popular da Baixada de Jacarepaguá**. Esse evento vai ao encontro da principal missão do **JAAJ**, que é informar e formar com a perspectiva de abrir, cada vez mais, novos espaços para debates que estimulem a conscientização e a participação popular nas soluções dos problemas da Baixada de Jacarepaguá e da cidade do Rio de Janeiro como um todo.

Sabemos que as mudanças que a nossa cidade precisa só acontecerão através da organização coletiva. Este fórum nasce como um espaço aberto para o diálogo, a troca de saberes e a construção de estratégias reais para enfrentar os desafios do nosso território.

Nossa pauta abordará os seguintes assuntos: Direito à Moradia / Defesa da Saúde Pública / Educação de Qualidade / Luta pelo Patrimônio Histórico / Segurança Pública / Desenvolvimento Ambiental Sustentável / Democratização da Informação.

Sua presença é fundamental! A voz de quem vive o dia a dia das comunidades é o que dá força e legitimidade às nossas reivindicações.

- **Quando:** sábado – dia 09 de maio de 2026.
- **Horário:** das 10h às 12h.
- **Onde:** Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht  
Rua dos Prazeres nº 71 – Taquara

#### Programação resumida

- Inscrições e café de acolhimento;
- Abertura do evento;
- Análise da situação atual do nosso território;
- Grupos de trabalho e debates; e
- Encaminhamentos e organização de uma agenda de lutas populares.

Atenciosamente,  
Equipe do JAAJ



**Magnus Alves**  
Escritor

# Capoeira e PCD

## Vamos conhecer a história do Mestre Chico e do seu trabalho com PCD

A violência era muito comum em seu convívio. Ele tinha 15 anos quando um professor de educação física começou a dar instruções na escola Alagoas, em Pílar. Por intermédio de seu irmão, Robson Coutinho, foi apresentado ao mestre Ruy Charuto, com quem treinou por três anos.

Quando o mestre delegou a ele a missão de juntar alguns amigos, que também se envolviam rotineiramente em confusão, ele começou a tomar gosto por dar aulas, a princípio na casa do Ivan do pandeiro.

Ele tinha o Mestre Ruy Charuto como sua maior referência na capoeira no Brasil. A capoeira é mais que um esporte, é uma filosofia de vida.

Segundo Mestre Chico, “nas co-

munidades, a capoeira forma mais do que atletas, forja o caráter, o senso de pertencimento se fortalece entre os alunos, e é um prazer ver esse desenvolvimento em cada aluno”.

Em 1995, Mestre Chico fundou o grupo de capoeira Mugo Zap Sinhá.

O primeiro contato com um PCD aconteceu quando um menino chegou brincando durante o treino, em 1997. Ele viria a ser aluno dois anos depois, quando o mestre iniciou as aulas no GAPEB – Grupo Assistencial Professor Eurípedes Barsanulpho, que foi uma escola de paciência e aprendizado, disse o mestre.

Mesmo com tanta evolução, os PCD ainda são discriminados pela sua capacidade e muito subestimados pela sociedade. Os treinos de percussão e filosofia na capoeira e cantigas são normais, respeitando os limites deles. Mas presenciamos muitos casos de superação.



**Capoeira um bem valioso para as crianças**

Em um evento, por meio de editais da Secretaria de Cidadania e Desenvolvimento Cultural, o espaço Mugo Zap se tornou ponto de cultura, contação de história, socialização e, principalmente, local de pertencimento.

Sem ajuda do poder público, o projeto tem dificuldade em avançar, pois a falta de recursos é o maior entrave. “Por várias vezes pensei em parar, mas tenho resistido. Ainda tenho esperanças de apoio financeiro ou parcerias. O meu sonho é que meus alunos se tornem capacitados para as adversidades da vida, porque a capoeira é uma porta para o mundo.”

Para mestre Chico, a capoeira faz parte da fundação do nosso país. É respeito, cultura, limites, e que todos pudessem abraçar esse movimento. Além de ser uma forma de diminuir a violência, uma vez que está mais do que provado que a capoeira é uma forte aliada na mudança de comportamento dos jovens. Robson Coutinho, por

exemplo, teve sua vida transformada, e hoje, formado em Educação Física, representou a capoeira brasileira nos Estados Unidos. E Mestre Chico é uma referência na cultura.

O legado que o mestre vai deixar é todo o conhecimento que adquiriu, e que ele sirva de exemplo para as próximas gerações. Não se ponham limites. O projeto existe há 31 anos e hoje tem 60 alunos, incluindo crianças, adolescentes e adultos PCD,

O espaço fica na estrada do Cafundá, 1757, ao lado da Arena Mirante da Taquara, e está aberto à visitação. Dias e horários de funcionamento: terça, quinta e sexta-feira, das 18h às 20h; ou na rua Porto Vitória, nº 10, Curicica, às segundas-feiras das 14h às 15h30.

Apoie o projeto pela chave PIX:  
**413.031.137-91**

**Ajude esse projeto a ir cada vez mais longe.**



**Professora Juliana Bernardo**



## Dicas para fazer redação

### 7 passos para uma Redação de excelência!

Olá, queridos leitores, tudo bem? Nesta edição, vamos trabalhar o que vocês precisarão apresentar em uma redação para conquistar o resultado, ou seja, a aprovação:

**Passo 1:**

- Escrevam períodos curtos. Períodos longos prejudicam a leitura do texto.

**Passo 2:**

- Atentem-se ao tema proposto e utilizem, com sinônimos, as palavras-chaves dele.

**Passo 3:**

- Usem repertórios legitimados e relacionados com os argumentos.

**Passo 4:**

- Se houver dúvida quanto a uma palavra, escrevam o sinônimo dela.

**Passo 5:**

- Não repitam palavras ao longo do texto.

**Passo 6:**

- SEJAM OBJETIVOS(AS).

**Passo 7:**

- Façam um rascunho com as ideias principais.

Querem aprender Redação com leveza e eficácia? Venham para o meu time e estudem com comigo para serem aprovados nos concursos e nos vestibulares!

Acessem as minhas redes sociais: @professora\_julianabernardo (Instagram), Profa. Juliana Bernardo Português (Facebook) e Professora Ju (@professora.ju6 / Tik Tok).

Abraços e até a próxima edição do JAAJ!

#### EXPEDIENTE

**JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA**  
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64.

Críticas, sugestões e reclamações: Tel (21) 97246-2213  
jornalabaixoassinado@yahoo.com.br

**Conselho Editorial:** Almir Paulo, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Dona Jane, Dona Penha, Douglas Aguiar (Em Memória), Ivan Lima, Jane Nascimento, João Magalhães, Luiz Claudio, Manoel Meirelles (Em Memória), Maraci Soares, Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberta Azevedo, Roberto Senna (Cabral) (Em Memória), Severino Honorato, Sílvia da Costa, Val Costa, Valmíria Guida, Vaneide Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Loureiro.

**Coordenação Geral:** Almir Paulo, Maraci Soares, Sílvia Costa e Val Costa.

**Diagramação e Arte:** Jane Fonseca.

**Gestora de Redes Sociais:** Sílvia da Costa.

**Revisão:** Vânia Santiago.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

\*\*As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

\*\*\*Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Sidney  
Teixeira  
Colunista

# Faltam ciclovias em Jacarepaguá

O sinistro de trânsito ocorrido na rua Conde de Bonfim (Tijuca) movimentou o debate da segurança viária na cidade do Rio de Janeiro. Mãe e filho em uma bicicleta foram atropelados, deixando toda a cidade indignada. Infelizmente, não é só nessa rua em que falta infraestrutura adequada para os ciclistas, sendo um problema de toda a cidade. Apesar de o Plano de Expansão Cicloviária (Decreto Municipal 52.132) ter sido oficialmente publicado no início de 2023, com muita pompa e promessas de mudanças para a mobilidade ativa nesta cidade, inclusive com o compromisso assumido de colocação de cobertura em cem por cento das estações de transporte de média a alta capacidade, com a malha cicloviária até o fim de 2024, até hoje observamos que muitas estações de BRT, trem e metrô não possuem essa conexão. Friso que, se retirar as estações de VLT da análise, somente fora do Centro e da Zona Sul não houve o cumprimento dessa promessa, segundo dados oficiais da Prefeitura obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação.

A Baixada de Jacarepaguá está muito presente nesse processo de negligência, mas não apenas com as estações de BRT esquecidas. Mesmo com o alarmante dado que o livro da Prefeitura do Rio de Janeiro, *Ciclo Rio* traz: a estrada dos Bandeirantes e a estrada de Jacarepaguá estão em terceiro e quarto lugar no ranking de atropelamentos de ciclistas da cidade! Mesmo assim, essas duas vias não aparecem nas prioridades para a implantação das ciclovias.

Anualmente, milhões de reais têm

sido gastos para a reforma e a manutenção de uma única ciclovia, a Tim Maia, na Zona Sul da cidade. Independentemente da pertinência desse custo, afinal é um ponto turístico, questiona-se acerca da distribuição equitativa do dinheiro para a mobilidade ativa na cidade. Por que o orçamento voltado para ciclovias na Tijuca, previsto na Lei Orçamentária de 2025 (Lei Municipal nº 8.797, de 2025) e que talvez poderia ter contribuído com a redução de sinistros de trânsito, não foi executado? E por que as vias de Jacarepaguá não têm recebido adequado investimento para os ciclistas?

Para tentar chamar a atenção, anualmente, o movimento Pedala JPA, organizado pela AMAF (Associação de Moradores e Amigos da Freguesia e outros coletivos) promove manifestação no Dia Mundial Sem Carro (em setembro), pedindo a ampliação de ciclovias em Jacarepaguá, com reivindicações de vários ciclistas e até patinadores, mas sem grandes avanços na proteção da mobilidade ativa nessa região. Na ocasião da Audiência Pública do Plano Estratégico 2025-2028, a Prefeitura foi questionada sobre a fraca descrição para investimentos em estrutura cicloviária para esse quadriênio, o que contrariaria a expectativa gerada pelo Plano Cicloviário de 2023. Em resposta, representantes da CET-RIO informaram que essa expansão seguiria o Programa Asfalto Liso. Recentemente, após o sinistro da Tijuca, o novo prefeito Eduardo Cavaliere anunciou que fará novas ciclovias na cidade, mas nenhuma ainda foi prometida em Jacarepaguá. Esperamos não precisar de uma tragédia para sair do papel.

Que fique o grito e o pedido para que o nosso prefeito não esqueça desta região!

## Jacarepaguá cobra regulamentação do Corredor Cultural após dois anos de lei sem implementação

\*Texto de Felipe Lucena & Magnus Alves

\_No próximo dia 18 de abril, a Lei que instituiu o Corredor Cultural e Turístico de Jacarepaguá completa dois anos sem regulamentação\_

A Baixada de Jacarepaguá, na Zona Sudoeste do Rio, volta ao centro do debate sobre políticas culturais e desenvolvimento territorial. No próximo dia 18 de abril, a Lei que instituiu o Corredor Cultural e Turístico de Jacarepaguá completa dois anos sem regulamentação.

Criado para estruturar e integrar um dos mais relevantes conjuntos patrimoniais da cidade — que inclui igrejas históricas, ruínas de engenhos, quilombos, museus e espaços de memória — o Corredor Cultural ainda não saiu do papel na prática.

Sem regulamentação, não há definição de gestão, planejamento, investimentos ou execução de políticas públicas voltadas ao território.

Segundo agentes culturais e instituições locais, essa ausência tem impactos diretos no desenvolvimento da região, como a limitação da economia criativa, a perda de oportunidades no turismo cultural e o risco de deterioração do patrimônio histórico.

“O território já está em movimento, com roteiros culturais, ações educativas e iniciativas comunitárias consolidadas. Mas sem regulamentação, tudo isso acontece sem o suporte necessário para se tornar uma política pública estruturante”, apontam os organizadores da mobilização.

Para marcar a data, está sendo organizada uma mobilização no dia 18/04, com caminhada pelo território, reunindo agentes

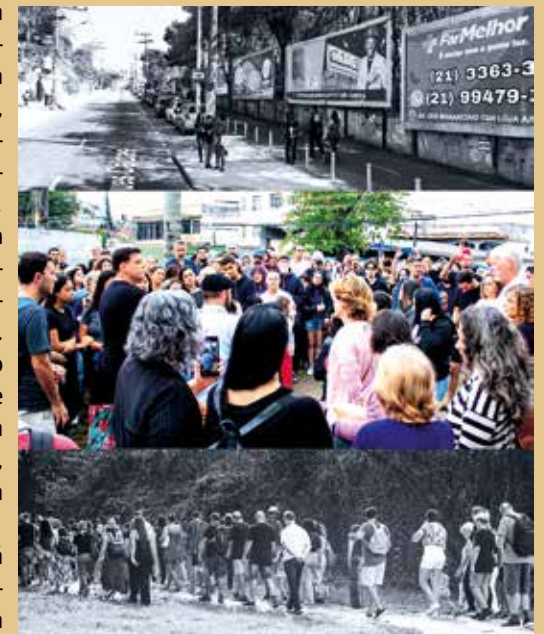
culturais, moradores e representantes da sociedade civil. A ação busca chamar atenção para a urgência da regulamentação e pressionar o poder público a avançar na implementação da lei.

Os organizadores defendem que a regulamentação do Corredor é essencial para consolidar um modelo de desenvolvimento baseado na valorização da memória, no fortalecimento da economia local e na geração de trabalho e renda.

“Jacarepaguá tem um dos maiores potenciais culturais e turísticos da cidade. O que falta não é iniciativa — é política pública”, reforçam.

A mobilização integra uma série de ações de incidência e comunicação que vêm sendo realizadas pela Casa de Cultura de Jacarepaguá em parceria com o Polo Cultural e Criativo de Jacarepaguá, instituições e coletivos locais com o objetivo de ampliar o debate e engajar a sociedade na pauta.

\*Colunistas do JAAJ



Corredor Cultural é nosso. História e Lazer

### Mobilização pela regulamentação do Corredor Cultural de Jacarepaguá

Data: 18 de abril de 2026 - sábado

Horário: 10h

Local: Saída da Casa de Cultura de Jacarepaguá em direção à Fazenda da Taquara



Foto da concentração da manifestação em 21/09/2025, na véspera do Dia Mundial Sem Carro, na Praça Professora Camisão, na Freguesia



**Bianca Lopes**  
Jornalista e  
colaboradora  
voluntária  
do JAAJ

## Mais de 500 mil mulheres obtiveram medidas protetivas em 2025

Em 2025, o Brasil enterrou 1.568 mulheres vítimas de feminicídio, o que significa, em média, quatro mulheres assassinadas por dia devido a sua condição de mulher. A estatística é do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. A completar esse quadro alarmante, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) informa que a Justiça concedeu 621,2 mil pedidos de medidas protetivas em 2025. Esse é número de mulheres que precisaram recorrer à Justiça para tentar se proteger de homens agressivos.

A Lei Maria da Penha (Lei 11.340 de 07/08/2006) determina a adoção de medidas protetivas urgentes com afastamento do agressor e a Lei do Feminicídio (Lei 14.994 de 09/10/2024) tornou o assassinato de mulheres por razão de gênero um crime mais grave.

Para a advogada Edalva Terra, entretanto, o problema não é a falta de lei, mas a dificuldade para sua aplicação efetiva e falta de estrutura para proteger a mulher em situação de risco.

Há muitos casos em que, mesmo com medidas protetivas, as mulheres continuam a ser perseguidas e, não raro, assassinadas. Isso se deve à falta de abrigos seguros, atendimento rápido em casos de descumprimento da medida protetiva e falta de monitoramento eletrônico (tornozeleira). Ou seja, faltam delegacias especializadas, integração entre o Poder Judiciário, o Ministério Público e a Polícia, bem como atendimento psicológico e assistência social à vítima.

Mudar esta realidade, diz Edalva, exige educação desde a infância sobre respeito e igualdade e combate ao machismo estrutural, pois não se trata apenas de



**Edalva Terra, advogada**

uma questão criminal, mas também social e cultural.

Essa afirmação encontra eco na análise da psicóloga Marina Lins. Ela observa que a agressão contra a mulher não é apenas física, mas emocional, o que leva muitas mulheres a se sentirem culpadas, causadoras da agressividade do homem que, de modo geral, joga a culpa na mulher, afastando-a da vida social. As ameaças, não raro, estendem-se a familiares e até aos próprios filhos do casal.

### Vítimas de homens agressores consideram medidas protetivas insuficientes

**JAAJ: As Leis existentes ajudam a proteger as mulheres?**

**Maria:** Infelizmente não. Todos os dias morrem mulheres em todo o Brasil vítimas de agressão masculina, mesmo com medida protetiva.

**Joana:** Comparando com décadas



**Marina Lins, psicóloga**

atrás, avançamos, porém ainda não é o suficiente, pois os índices de violência contra a mulher continuam a aumentar.

**JAAJ: Como a pessoa se sente após a agressão?**

**Maria:** Eu sentia raiva e revidava. Vinha também arrependimento por não ter uma vida financeira estabilizada e por ter engravidado antes de terminar a faculdade. As agressões começaram depois que engravidei.

**Joana:** Afetada em todas as áreas, psicológica, física e social.

**JAAJ: O que faz a mulher continuar com o homem após sofrer agressão?**

**Maria:** A condição financeira, no meu caso, foi o principal motivo. Eu não queria continuar a relação e demorei um pouco para me separar porque a minha família morava distante.

**Joana:** O medo e também a esperança de que o parceiro mudará o compor-

tamento.

**JAAJ: Quais os danos para os filhos ao conviver com a violência?**

**Maria:** Minha filha era pequena e não entendia, mas a criança que cresce em um lar violento tende a desenvolver problemas psicológicos.

**Joana:** Traumas psíquicos que podem gerar adoecimento mental, como ansiedade e depressão.

**JAAJ: Por que a mulher demora a denunciar o agressor?**

**Maria:** Por vergonha e por achar que ele não vai fazer novamente.

**Joana:** Por constrangimento, julgamento social, medo e esperança de que a sua realidade mude.

**JAAJ: Como tornar a proteção mais eficiente?**

**Maria:** Eu não acredito em leis eficientes nesses casos, pois o agressor tem obstinação em fazer o mal, matar ou desfigurar a mulher para que ela não tenha outro relacionamento. Para ter uma vida tranquila a mulher deve mudar de cidade ou até de Estado.

**Joana:** Revisão das políticas públicas de segurança e oferta de estrutura para as vítimas de agressão. Suporte social e emocional.

**JAAJ: Vivemos no Brasil uma epidemia de feminicídios. Como mudar essa realidade?**

**Maria:** Com a implantação da prisão perpétua.

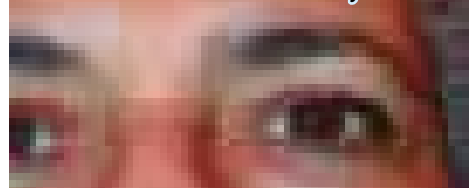
**Joana:** Reestruturação do suporte oferecido às vítimas para que, de fato, sejam protegidas pelo Estado.

\*Os nomes das mulheres vítimas violência entrevistadas são fictícios.

Serviço:

Delegacia de Mulheres (DEAM) - Tel. 180 - atendimento 24h

## Observatório Popular



**Juçara Braga - Jornalista**

Este 2026 é um ano eleitoral e um excelente exercício para fortalecer nossa democracia é começar, desde já, a pensar no voto que vamos depositar nas urnas em outubro. Pra começar vamos prestar atenção no que dizem os candidatos e olhar direitinho a ficha corrida deles.

Tem um candidato à Presidência da

## Eu, você e nosso voto

República que já está na TV agarrado no seu parceiro candidato a governador do Rio, prometendo acabar com a criminalidade em nosso Estado. Justamente ele que tem uma ficha barra pesada. Pra começar, o sujeito, quando deputado no Rio, tratou de condecorar policiais militares que tinham ligações perigosas com o crime de tal forma que foram expulsos da corporação. Ou seja, esse sujeito concedeu menção honrosa a bandidos na Assembleia Legislativa do Estado onde, agora, promete acabar com a criminalidade.



Pesa ainda sobre essa criatura que quer o seu voto pra governar o Brasil acusa-

ções de praticar "rachadinha" em seu gabinete parlamentar, obrigando funcionários a devolverem parte dos salários para seu cofrinho com intermediação de um assessor que, aliás, ficou famoso. E tem mais! Fique de olho, não caia em conversa fiada, um voto errado agora pode nos levar de volta a quatro anos de uma tormenta da qual saímos em 2022 com traumas pesados.



# Violência afasta crianças de Jacarepaguá das escolas públicas

*O bairro está entre os 10 da cidade do Rio com mais interrupções de transporte coletivo em horário escolar nos últimos anos*

**Felipe Lucena**  
Jornalista e roteirista

A violência está fixada em boa parte da cidade do Rio de Janeiro. Isso impacta diretamente na vida dos moradores. Com alunos da rede pública municipal de ensino não é diferente. Segundo um relatório inédito do UNICEF, Fogo Cruzado e GENI/UFF, cada vez mais crianças e adolescentes estão deixando de ir à escola por conta de conflitos armados.

De acordo com os dados, que têm como base órgãos públicos municipais e estaduais, o bairro da Penha acumula 252.921 minutos sem circulação de transportes públicos por conta da violência armada. Equivalente a quase 176 dias completos de paralisação no período de janeiro de 2023 até julho de 2025. Em segundo nesse ranking, Jacarepaguá registra 184.187 interrupções no mesmo recorte de tempo.

Praticamente metade dessas suspensões nos serviços de transportes ocorreram em dias letivos e no horário escolar. Os dados do relatório mostram que entre janeiro de 2023 e julho de 2025, 1.084 das interrupções ocorreram entre segundas e sextas das 06h30 às 18h30, o que representa 49% do total.

A maioria das interrupções é prolongada: 52,5% ultrapassaram 4 horas, "tempo suficiente para afetar turnos inteiros e provocar suspensões de atividades escolares", destaca o relatório.

O período da manhã concentra os maiores potenciais para repercussões para a mobilidade: 52,8% das interrupções ocorreram entre 6h30 e 8h.

"A caracterização geral das interrupções indica um padrão de instabilidade estrutural; no entanto, para compreender como esse fenômeno se manifesta na mobilidade cotidiana de crianças e adolescentes, este estudo adota a educação como recorte empírico e analítico. Os dados do campo educacional são mobilizados não como um fim em si mesmos, mas como um instrumento para analisar a mobilidade, uma vez que os trajetos entre casa e escola constituem deslocamentos regulares, previsíveis e centrais na rotina desse grupo. Nem toda interrupção de transporte afeta diretamente crianças e adolescentes ou compromete o acesso à educação. Ainda assim, interrupções dessa natu-

reza alteram a dinâmica urbana e podem dificultar o acesso cotidiano de famílias a diferentes serviços essenciais, como o direito à educação, a saúde, a cultura e ao lazer. Neste estudo, a análise se concentra no acesso à educação porque é nesse campo que há maior disponibilidade e consistência de dados para mensurar os efeitos da mobilidade interrompida. Quando ocorrem em dias letivos, durante o horário escolar ou ao longo dos percursos casa-escola, essas ocorrências tendem a impactar de forma mais direta a mobilidade segura de crianças e adolescentes e, por extensão, o acesso à educação", detalha o relatório.

Para a psicóloga Cláudia Melo, especialista em saúde mental e atendimento a crianças e adolescentes, os efeitos de longo prazo para estudantes que têm a rotina escolar interrompida por tiroteios constantes podem ser graves.

"A repetição do medo desorganiza. A escola, que deveria ser um espaço de continuidade, torna-se imprevisível. Com o tempo, surgem insegurança, dificuldade de aprendizagem, de confiar e até de imaginar o futuro. Algumas crianças passam a naturalizar a violência — o que é extremamente grave. Do ponto de vista humanista, quando a experiência não encontra acolhimento, ela não é integrada e permanece como algo mal resolvido dentro da pessoa", afirma.

A psicóloga complementa: "Uma criança com medo não aprende. O cérebro está ocupado tentando se proteger, o que compromete memória, atenção e vínculos. Isso também impacta a autoestima, pois ela pode se sentir incapaz, quando, na verdade, está em sofrimento. A aprendizagem exige segurança emocional. Sem isso, não há entrega, nem presença".

O DIÁRIO DO RIO procurou a Prefeitura e o Governo do Estado através das secretarias municipal e estadual de educação e também a pasta responsável pela segurança pública para comentar os dados do relatório e o conteúdo da reportagem.

A Secretaria Municipal de Educação (SME) declarou que "para minimizar os impactos pedagógicos das interrupções em decorrência de operações policiais oferece estratégias como reforço escolar, apoio pedagógico nas próprias

unidades, Aulões Cariocas para tirar dúvidas, videoaulas com questões comentadas e materiais específicos de reposição. As equipes escolares também organizam planos de recuperação adaptados à realidade de cada comunidade escolar. A Secretaria Municipal de Educação, em parceria com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, implementa o Programa Acesso em escolas da rede municipal de ensino situadas em áreas impactadas pela violência armada. O objetivo é mitigar riscos, orientar a comunidade escolar e garantir protocolos eficazes para minimizar o impacto da violência armada no ambiente escolar. O programa, considerado referência internacional, é essencial para garantir a continuidade da educação e a segurança de alunos e profissionais. A metodologia aplicada é ajustada de acordo com a especificidade de cada território e envolve planejamento conjunto".

Já a Secretaria de Segurança Pública informou que "não se manifesta sobre os dados apresentados no relatório, uma vez que desconhece a metodologia utilizada. A fonte oficial de informações do Governo do Estado é o Instituto de Segurança Pública (ISP), responsável pela consolidação e análise dos indicadores de criminalidade. Para retirar barricadas instaladas por facções criminosas e que impedem o direito de ir e vir de moradores, o Governo do Estado iniciou em novembro de 2025, a Operação Barricada Zero. Desde então já foram removidas mais de 4.500 toneladas de barricadas e quase 4 mil vias foram liberadas em 12 cidades do Rio de Janeiro, beneficiando cerca de 2,6 milhões de pessoas. A força-tarefa reúne órgãos estaduais e prefeituras e tem a finalidade de retirar bloqueios e restabelecer a circulação segura nas comunidades. Vale ressaltar, ainda, que para preservar a vida dos estudantes, familiares, e profissionais da educação, sempre que ocorrem operações policiais nas comunidades, as secretarias municipal e estadual de Educação são previamente comunicadas, em conformidade com as determinações do Supremo Tribunal Federal no âmbito da ADPF 635".



## Violência em disputa territorial faz homicídios dispararem na Grande Jacarepaguá

*Confrontos entre traficantes e milicianos mais que dobraram número de mortes entre 2022 e 2023; cenário de instabilidade persiste em 2024*

"A vida começa quando a violência acaba"  
(Maria da Penha)

**Almir Paulo**

A disputa entre traficantes e milicianos pelo controle da Grande Jacarepaguá provocou uma forte alta no número de homicídios na região. As mortes violentas mais que dobraram entre 2022 e 2023, período em que os confrontos se intensificaram.

Dados revelam a escalada da violência. Em 2022, foram registrados 149 homicídios. No ano seguinte, o número

saltou para 359 — um aumento de 140%. Em 2024, o índice permaneceu elevado, com 325 mortes.

A polícia ainda não consegue precisar quantas das 684 mortes registradas no período estão diretamente ligadas à disputa territorial. A avaliação, no entanto, é de que a maior parte dos casos esteja associada aos confrontos armados entre grupos criminosos.

### Rotina de medo

Moradores relatam viver sob constante tensão. O medo da violência impacta a circulação de pessoas e altera a rotina da população, que enfrenta dificuldades para trabalhar, estudar e manter atividades cotidianas.

O cenário também afeta a economia local. Comerciantes relatam prejuízos, redução no fluxo de clientes e funcionamento irregular de estabelecimentos diante da insegurança.

### Falta de planejamento

Especialistas apontam que a persistência da violência está ligada à ausência de uma política de segurança pública estruturada. A avaliação é de que faltam ações integradas, com planejamento e metas definidas para o curto, médio e longo prazo.

Sem uma estratégia consistente, a tendência é de manutenção do cenário de instabilidade, com impactos diretos na qualidade de vida da população.

# De joia da Paróquia a legado educacional: a trajetória do PVNC Taquara

Por Lenilce Flôr e Roberta Azevedo\*

A história do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) da Paróquia Sagrada Família, na Taquara, é um relato de resistência e solidariedade que atravessa três décadas, que não pode ser contado sem falar da Pastoral da Juventude (PJ) que, além de personificar o núcleo, mantém seu elo com a Igreja na caminhada de fé e vida. Fundado oficialmente em 27 de agosto de 1994, o projeto nasceu da efervescência da Pastoral da Juventude e do apoio decisivo de figuras como o professor Antônio Eduardo e os padres Francisco de Assis e Roberto Barbosa de Melo.

O embrião do curso surgiu em 1991, quando Lenilce Flôr e Sérgio Renato iniciaram estudos domésticos. Logo atraíram jovens da Crisma em busca de oportunidades acadêmicas, porém a casa de Dona Bela ficou pequena. Pe Francisco abriu-lhes a sala de catequese e, mais tarde, Pe Roberto, o salão paroquial. O grupo ganhou corpo ao integrar-se às diretrizes da PJ e responder aos apelos sociais da época. A princípio, se dedicariam ao meio ambiente, dada a proximidade com a Reserva do Parque da Pedra Branca. Motivados pelo chamado do Papa João Paulo II com a Campanha da Fraternidade de 1992 e o Dia Nacional da Juventude de 1993, e sob a orientação do Monsenhor Gilson José Silveira, a juventude paroquial decidiu focar na educação como ferramenta de transformação para combater as desigualdades de acesso ao Ensino Superior que afetava o território local.

Sem recursos iniciais, o “Pré-Taquara” consolidou-se por intermédio do voluntariado e do suporte logístico da Igreja Matriz Sagrada Família, que oferecia desde o espaço

físico até a alimentação preparada pela Pastoral da Família. Os alunos eram monitores dos estudos. A organização pedagógica inicial contou com a dedicação da professora Alexandrina (“Lurdinha”), que convidou as irmãs Elizabeth e Elizeth. No Seminário Geral do PVNC de 1995, na Unigranrio, em Cascas, João Carlos e Luciano convidaram o físico Antônio Eduardo (“Jamaica”), que dedicou mais de 30 anos ao núcleo como coordenador-geral, reconhecido como pilar e sustento – fora de cogitação seu “cancelamento”. Robson Leite e Reimont também contribuíram com nosso trabalho com responsabilidade social, política e cidadania.

A articulação política e social foi fortalecida pelo contato com Frei David Santos, gestor do movimento de Educação Popular na Baixada Fluminense. O PVNC e a Educafro, com sede em SP e representatividade no RJ, auxiliaram na estruturação do núcleo após pedido de um dos participantes da PJ que era seu amigo, Leonardo Chaves. O grupo permaneceu assíduo nas reuniões e assembleias na Paróquia São João Batista (critério imprescindível para se ligar ao movimento), estreitando laços de amizade e compromisso com Frei David e militantes de outros núcleos e nos fóruns dos Pré-Vestibulares Populares e da Pastoral da Educação. Atuavam em festas juninas e nos Festivais de Música e Poesia do Projeto Shangri-lá, gestado por Arnóbio Nóbrega e Olívio Bonna com suas famílias, e no Grito dos Excluídos na Paróquia.

Ao longo dos anos, o projeto não apenas preparou alunos para o ENEM e vestibulares tradicionais como os da UERJ, UFRJ e outros, mas também incentivou a abertura de novos núcleos, como o Ganga Zumba, na Pra-



Turma de 1995 do PVNC Taquara

ça Seca, coordenado por Ana Paula Kunher, e realizou o curso Pré-Técnico por alguns anos, para auxiliar estudantes concluintes do Ensino Fundamental. Estima-se que até 70% dos alunos tenham sido aprovados anualmente, formando especialistas, mestres e doutores que, hoje, atuam no Brasil e no exterior. Om Coeficiente de Rendimento (CR), estágios, projetos e pesquisas da FAPERJ, CNPq, entre outros, eram uma conquista diária dos alunos. Os “filhos da PUC” mantinham as bolsas de 100% por grande luta das professoras Luiza Helena; Andrea Clap, do Departamento de Serviço Social; José Carmelo, do Departamento de Educação; Frei David, com o saudoso Augusto Sampaio da Vice-Reitoria Comunitária; e Pe. Roberto, que escrevia nossa carta de recomendação. Não foi possível contabilizar todos os aprovados, mas o grupo segue nas pesquisas.

Em agosto de 2024, o núcleo celebrou 30 anos com uma homenagem póstuma a seu grande entusiasta, o Padre Roberto Barbosa de Melo, falecido em 2023, que definia o curso como uma “joia que deve ser luz na vida dos outros”. Durante a cerimônia de aniversário, foi anunciado que o projeto passaria a se chamar oficialmente Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Pe. Roberto Barbosa de Melo e seu pai com toda a família presenciaram o descerrar da nova placa da porta da sala do Pré-Taquara, em homenagem ao filho. Atualmente, Pe Jefferson e Pe Pedro Li assumem a missão de transformar realidades por meio do ensino, preservando a memória de Pe Roberto, o trabalho dos seus fundadores e a identidade de luta iniciada na década de 1990.

\*Lenilce Flôr – Professora  
Roberta Azevedo – Jornalista

## Mutirão do Reciclan na Vila Taboinhas

\*Por Maraci Soares e Almir Paulo

O primeiro mutirão do Reciclan, aconteceu dia 15 de abril de 2026 na comunidade Vila Taboinhas, em Vargem Grande, e foi um momento simplesmente maravilhoso para compreendermos, juntos, a proposta do projeto. Estiveram presentes Giovana, Maraci, Tereza, Marrom, Jorge e Mônica (foto).

O Reciclan não será uma cooperativa, mas sim um grupo onde todos são parte ativa do projeto. Isso significa que, mesmo quando nem todos puderem estar presentes, uma pessoa poderá representar o coletivo.

Conversamos sobre os desafios de captação de recursos e a disputa por espaços, deixando claro que não queremos reproduzir modelos prontos, impostos de cima para baixo.



Nosso objetivo é construir uma gestão participativa, onde todos tenham acesso às informações financeiras e às decisões do projeto.

O Reciclan prevê diversas iniciativas, como:

- lavanderia comunitária
- cozinha com fogão a lenha

- café social e almoço colaborativo
- oficinas de sabão a partir do reaproveitamento de óleo usado
- produção de sabonetes com ervas medicinais
- artesanato em geral
- culinária da terra e quilombola
- reaproveitamento de alimentos
- plantação de hortas em pequenos espaços
- brechó virtual
- práticas integrativas de saúde
- atividades integrativas com as famílias

Seguimos construindo um espaço coletivo, sustentável e baseado na participação de todos.



**Maraci Soares**  
Militante  
quilombola,  
culinarista  
e artesã

Os talentos invisíveis do Sertão Carioca são muitos — artistas de enorme potencial que, na maioria das vezes, não carecem de vontade de se mostrar, mas sim de oportunidade e voz. As comunidades da Baixada de Jacarepaguá abrigam uma riqueza artística que ainda está longe de ser plenamente reconhecida.

Nesta edição do Jornal Abaixo-Assinado, apresento um artista completo que tive o privilégio de conhecer e cuja história merece ser contada: Marcelo Pereira Martins, da comunidade Bosque Mont Serrat, em Vargem Pequena.

Marcelo relembra o início de sua trajetória:



## O talentoso Marcelo Pereira Martins

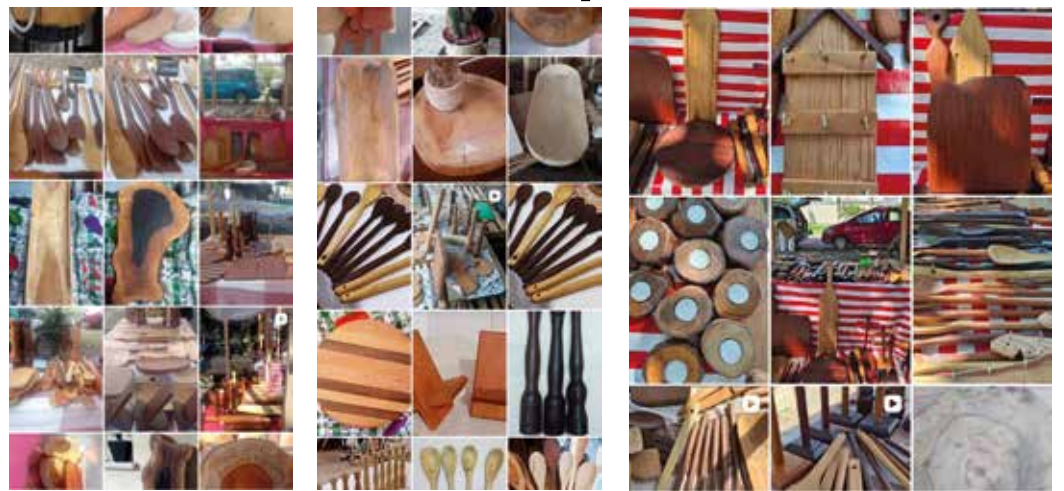
### O artista plástico da comunidade Bosque Mont Serrat



“Iniciei minha carreira artística ainda na infância, ajudando a escultora Maria Clara Arto e seu esposo, Talfik, também artista plástico. Mais tarde, estudei em uma escola em Copacabana, onde tive o apoio do meu professor de Línguas, Carlos Sérgio — um amigo solidário que gostaria muito de reencontrar para agradecer.”

“Depois, fui estudar na Rua da Carioca com Maria Teresa Vieira, onde aprendi desenho, pintura e técnicas com modelo vivo em diversos estilos. Entrei como bolsista e permaneci por um longo período.”

“Em seguida, surgiu a oportunidade de estudar na Sociedade Brasileira de Belas Artes, no Centro da cidade. Ganhei



uma bolsa e aprendi com grandes professores e artistas. Sou muito grato à diretora Teresinha pelo apoio. Um professor especial marcou minha trajetória: Derio Silva, meu verdadeiro mestre na arte e na vida. Foram 27 anos de muito aprendizado.”

Hoje, Marcelo se define como um pintor acadêmico. Seu trabalho transita entre paisagens naturais, estudos do corpo humano e, em especial, a representação de cavalos — tema pelo qual nutre grande paixão. Ele ressalta que mantém um compromisso com a estética artística, recusando propostas de cunho pornográfico.

Apesar de sua dedicação, Marcelo ainda não consegue viver exclusivamente

da arte. Como tantos outros artistas brasileiros, enfrenta a falta de valorização cultural e apoio. Para sustentar-se, diversifica suas atividades: trabalha com artesanato em madeira — produzindo colheres, garfos, cabos, bancos e gamelas — além de atuar como pintor de casas e telhados, ainda é marceneiro e restaurador de móveis.

“Faço de tudo um pouco”, diz ele, “mas nunca abandono minha arte.”

A história de Marcelo é um retrato fiel de tantos talentos que resistem, criam e persistem nas margens do reconhecimento — mantendo viva a essência da arte, mesmo diante das dificuldades.



**Cíntia Travassos**  
Produtora

## Pedro Moreira é show de jazz

### Talento nato de Jacarepaguá

Pedro Moreira é violinista, musicoterapeuta e a mente por trás do Oeste Jazz. Nascido no Rio de Janeiro e criado no Horto, no Jardim Botânico, mudou-se para Jacarepaguá aos 13 anos. Seu despertar para as artes aconteceu ainda na infância, entre vivências no teatro e na música em ambientes comunitários, igrejas e escolas.

Estudioso e dedicado, Pedro se especializou em jazz e na música instrumental de origem periférica, construindo uma trajetória marcada pela pesquisa e pela prática artística.

Hoje, lidera o Projeto Oeste Jazz e o conjunto instrumental residente Oeste Ensemble — iniciativas que integram performance e educação musical, fortalecendo a cena cultural da Zona Oeste.

O sonho de Pedro é transformar o Oeste Jazz em uma plataforma sustentável de cultura para a região, criando redes



*Oeste Jazz no evento Jazz & Abolição de 2025*

de conexão que ampliem o acesso à arte e promovam desenvolvimento humano e econômico.

• **Dia 16 de maio tem Oeste Jazz na Casa Percília Teles (Praça Seca)!**

**Quer saber mais sobre o projeto?**  
Siga [@oestejazz](#) e acompanhe toda a programação de jazz e cultura negra periférica.



*Pedro Moreira é violinista e idealizador do Projeto Oeste Jazz*



## Contos de Jacarepaguá: a “guerra” dos concunhados

Em 20 de abril do longínquo ano de 1807 iniciou-se uma das mais longas disputas por terras na Baixada de Jacarepaguá: a “guerra” dos concunhados. Nessa data foi realizado o inventário dos bens do Dr. Francisco Teles Barreto de Menezes, falecido proprietário do Engenho da Taquara e do Engenho Novo de Jacarepaguá, fazendas que englobavam os atuais bairros da Taquara, da Curicica, do Pechincha e da Freguesia.

As propriedades supracitadas ficaram para duas filhas do Dr. Francisco: Ana Inocência Teles de Menezes e Catarina Josefa de Andrade Teles. D. Ana era casada com João Alves Pinto Ribeiro, D. Catarina, por sua vez, era esposa de Pascoal Cosme dos Reis.

Como era de costume em uma sociedade patriarcal, a administração dessas propriedades ficou sob a responsabilidade dos respectivos maridos. Dessa maneira, Pascoal ficou com o controle do Engenho Novo de Jacarepaguá enquanto João Alves

comandou o Engenho da Taquara. As desavenças estavam associadas aos marcos divisórios entre as terras herdadas.

Não foi apenas uma disputa judicial. Ambos os lados contrataram capan-

gas e montaram verdadeiras milícias armadas. Os conflitos resultaram em emboscadas, tiroteios e mortes, aterrorizando a população da então bucólica Freguesia de Nossa Senhora do Loreto e Santo An-

tônio de Jacarepaguá. A situação ficou tão incontrolável que o Governo Imperial precisou enviar tropas para a região no intuito de diminuir a violência existente entre esses dois grupos. O conflito só terminou em 1839, após um acordo judicial entre os descendentes dos herdeiros.

Esse conflito mostra a força das oligarquias na então zona rural do Rio de Janeiro, evidenciando que as disputas por terras eram resolvidas por influentes latifundiários locais, que possuíam imenso poder político e social.



Fazenda da Taquara

Siga as redes sociais do IHBAJA



<https://www.facebook.com/ihbaja/>



<https://www.instagram.com/ihbaja/>



**História da Região**

Leonardo Soares dos Santos  
Professor de História da UFF  
e pesquisador do IHBAJA

## A luta por terra dos posseiros de Rio das Pedras nos anos 1960

Rio das Pedras começou a receber significativo influxo de moradores a partir da segunda metade da década de 1940.

A região que a contornava ia crescendo aos poucos também, casos de Gardênia Azul, Anil, Freguesia, Itanhangá e Barra da Tijuca. No caso de Rio das Pedras, a disponibilidade de terras, a localização de uma lagoa com fartura de peixes, o rio que cortava o lugar, tenho a atual floresta de Tijuca aos pés, havia ali muitos atrativos para a fixação de unidades agrícolas.

Porém, além de pequenos lavradores, essas terras atraíam os olhares de especuladores imobiliários. E a cobiça aumentou quando o governo sinalizou que poderia construir o prolongamento da estrada Rio-Santos passando por perto de Rio das Pedras (*Correio da Manhã*, 15/04/1966, p. 10). Uma obra que nunca se concretizou, mas que o simples boato a respeito já colocava em polvorosa os especuladores, em especial os pretensos proprietários de grandes extensões de terra.

A Granja Rio das Pedras pediu a re-

integração de posse em 1963, assim como o advogado Dalmo Esteves de Almeida (*Tribuna de Imprensa*, 27/06/1966, p. 4). Pedido acatado pela Justiça em 1966.

Desde o início, os moradores (classificados como “posseiros”) articularam forte resistência. E o tão temido despejo ocorreria no dia 20 de junho.

Cerca de 900 pessoas seriam despejadas (*Tribuna de Imprensa*, 21/06/1966, p. 1). De início 92 famílias seriam expulsas do local, mas 27 delas acabariam poupadas, temporariamente, por que os oficiais cuidariam de despejá-las mais tarde (*Correio da Manhã*, 21/06/1966, p. 7).

Rapidamente, os moradores se reorganizariam, não abandonando por completo a região. Eles apenas se retiraram das casas, mas seguiram acampados nas redondezas, a espera de alguma medida que revertesse a situação. Eles se agarravam no exemplo dos moradores de Gardênia Azul (*Tribuna de Imprensa*, 21/06/1966, p. 4).

No dia seguinte lá estava a comissão pressionando vários secretários do governo Negrão de Lima e alguns deputados. Um deles foi Alfredo Tranjan, do PTB. Em pouquíssimo tempo ele já havia

preparado um projeto de desapropriação da área (*Correio da Manhã*, 22/06/1966, p. 8).

Medida também urgente era sustar a todo custo a tal ordem de despejo — lembrando que ainda faltava, 27 famílias. No que a comissão de moradores foi mais ousada. Na madrugada do dia 21 eles literalmente fizeram o governador perder o sono: foram à sua mansão localizada na Lagoa.

A comissão dos moradores voltou a Rio das Pedras com a decretação de uma nova suspensão do despejo, por mais 30 dias. O governador se comprometeu a buscar uma saída para o problema.

Os desafios dos moradores de Rio das Pedras estavam longe de uma solução. Além das chuvas, os pretensos proprietários seguiriam pressionando pela expulsão dos moradores. O jogo das disputas estava apenas começando.

E em todos esses momentos as mulheres de Rio das Pedras exerceram um papel fundamental, organizando as comissões, as vigílias, o bloqueio de estradas e o enfretamento direito contra policiais e oficiais de justiça.

### MOBILIZAÇÃO EM RIO DAS PEDRAS: DESPEJO

As 81 famílias de Rio das Pedras, em Jacarepaguá, ameaçadas de despejo há um mês e informado de que a ação seria executada no mês de junho, tomaram todas as medidas para evitar a entrada de oficiais de Justiça e polícia na área a ser despejada, bloqueando a entrada do lugar com troncos de árvores. Além disso, passaram toda a madrugada na expectativa da chegada dos encarregados do despejo.

Apesar das precauções tomadas, o pessoal de Rio das Pedras não conseguiu evitar qualquer situação desagradável, pois até à noite não tinha aparecido a oficial de Justiça com o título de despejo, deixando-os em estado de tensão.

Apesar das precauções tomadas, o pessoal de Rio das Pedras não conseguiu evitar qualquer situação desagradável, pois até à noite não tinha aparecido a oficial de Justiça com o título de despejo, deixando-os em estado de tensão.

Rio das Pedras tem 81 famílias e, de acordo com o levantamento superficial feito pelo seu próprio moradores, e jogou um mês de espera, considerando que se não via a ocorrência de despejo, o trabalho não é tão bom. Em Rio das Pedras, todos os moradores pagam aluguel em parcelas baratas. E como não tem vontade de abandonar o lugar, é que abandonaram a vigília para ir ao despejo, disposto a ir para o despejo, o trabalho não é tão bom. Em Rio das Pedras, todos os moradores pagam aluguel em parcelas baratas. E como não tem vontade de abandonar o lugar, é que abandonaram a vigília para ir ao despejo, disposto a ir para o despejo, o trabalho não é tão bom.

*Correio da Manhã*, 04/05/1966, p. 10.



Yakaré Upá Guá

Val Costa

Pesquisador do IHBAJA  
e professor de  
História e Geografia

O Pau da Fome é uma localidade do bairro da Taquara. Lá se situa um dos núcleos do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB). Essa Unidade de Conservação, criada em 28 de junho de 1974, compreende todas as áreas que estão acima da cota de 100 metros do Maciço da Pedra Branca e seus contrafortes, com área aproximada de 12.492 hectares.

A primeira versão para o exótico nome da localidade vem do hábito que alguns tropeiros tinham de fazer refeições embaixo de uma figueira. Costumavam dizer durante os almoços: “*Estamos no pau da fome*”. Os tropeiros eram condutores das tropas de cavalos ou mulas que atravessavam imensas áreas transportando gado e mercadorias.

A segunda versão remonta a relatos de um “pau” (tronco) onde escravizados eram castigados durante o período imperial. Pesquisadores acreditam que esses indivíduos eram privados de alimentação quando fica-

# A História do Pau da Fome

vam amarrados em uma árvore existente no local.

A terceira e última versão envolve uma das principais personalidades da região: Francisco Pinto da Fonseca Telles, o Barão da Taquara. Francisco Telles nasceu em 25 de outubro de 1839, na Fazenda da Taquara. O Barão gostava muito de caçar nas encostas do Maciço da Pedra Branca. Nessas caçadas, os participantes deixavam a comida perto do tronco de uma imensa figueira mata-pau, que até hoje existe dentro do Parque Estadual da Pedra Branca. Na hora do almoço, os caçadores apontavam para a árvore e gritavam: “Lá está o pau da fome”.

A figueira mata-pau (*Ficus clusiifolia*) costuma nascer sobre alguma árvore, que acaba morrendo sufocada. As sementes são espalhadas por animais sobre os galhos de outras espécies. Ao longo do tempo, as raízes descem em direção ao solo. Aos poucos, a figueira vai envolvendo e sufocando os troncos das árvores hospedeiras.

Figueira Mata-pau no  
Parque Estadual da Pedra Branca



Pablo das Oliveiras  
Professor & Poeta

# Dormentes de trem fora dos trilhos

O caminhão da mudança encostou na entrada da vila e o desfile de móveis, traste e contraste passou lento e pesado até a casa, ao final da avenida. Por fim, a água fresca, uma recompensa oferecida pelos vizinhos. Minha obrigação de menino era explorar o quintal, um pedaço do terreno murado; do outro lado, a linha do trem, num rabicho fora de uso depois da estação terminal de Belford Roxo.

As poucas árvores do quintal eram senhoras agarradas ao barro vermelho, revolvido de dentro pra fora, pelas formigas graúdas, cortadeiras e de picada dolorida. Os vulcões e as formigas de fogo tornavam o quintal intransitável. Ao primeiro passo, pulando num pé só, sentia a potência das habitantes daquele território: “Muitas saúvas e pouca saúde, os males do Brasil são.” Numa sessão matinê do Cine Belford Roxo, Macunaíma apontou outros sentidos.

Mãe ia pro trabalho e eu pra escola, ainda no antigo bairro onde moramos. A gente chegava bem cedo pra pegar o trem, nem sempre tinha lugar pra sentar. O trem partia e lotava de mais gente pelo caminho. As portas não fechavam e os aventureiros viajavam ali, quase pra fora, os radicais tiravam onda surfando no teto dos vagões, desafiando a gravidade da lei. Saltar do trem antes da parada na estação era uma “arte” que eu tinha em mira, um dia tomei coragem... saltei sem pensar em nada, com cara no chão, ouvi alguém dizer: “Levataí...e quando saltá, segue no embalo, sobe o ombro pra não cai de novo.” No pulo seguinte, dei emba-



lo nas pernas, feio com os ombros e triunfo em prumo.

Mudei de escola para fazer o curso de Admissão mais perto. Saltava do trem em São João de Meriti e encurtava o caminho passando pela Feirinha da Pavuna; parecia um túnel, as barracas cobertas por lonas emendadas umas às outras, incluindo os corredores. Os feirantes permaneciam ali até tarde; às vezes eu pensava que pernoitavam por ali mesmo e emendavam um dia de trabalho no outro. Tenho comigo que a Feirinha da Pavuna é a avó do Shopping Center, pois tinha de um tudo por lá e funcionava com sol, chuva e lua.

Um dia parou um carro na entrada da vila, e no para-brisa do carro tinha um adesivo. Eu li e foi muito

estranho. Eu fiquei ali lendo e relendo muitas vezes – **BRASIL: AME-O OU DEIXE-O!** –, querendo entender o porquê da contradição daquilo que estava sendo dito, e eu discordava com muita indignação. Por que alguém me obriga a amar o que eu já amo, a ponto de me obrigar a deixar o que amo? Se o que amo tem algo que eu não gosto, não vejo motivo para deixar o que amo, se for possível mudar ou ignorar apenas o que eu não gosto. Eu amo o Brasil e não devo ser obrigado a deixá-lo! Eu fiquei pensando nisso e vi outro carro, depois outro e muitos outros carros, com o mesmo adesivo. Eu sentia uma indignação que eu nem conhecia.

ASSINE O JORNAL ABAIXO-ASSINADO

[www.catarse.me/jaajrj](http://www.catarse.me/jaajrj)

# Favelas e periferias apresentam propostas para embasar políticas públicas durante conferência na UFRJ

**Projetos focados na formação de lideranças comunitárias são financiados por emendas parlamentares destinadas pelo deputado federal Lindbergh Farias**

O projeto Favelas e Periferias pelo Direito à Vida, iniciativa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em parceria com o Instituto BR, resultou na elaboração de 87 propostas formuladas por lideranças comunitárias que vão embasar políticas públicas junto ao Poder Executivo voltadas para favelas e periferias do Rio de Janeiro. A conferência *Favela, Vida e Direitos*, realizada no Auditório Horta Barbosa, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), neste domingo (12), consolidou um processo formativo que qualificou centenas de mobilizadores locais, reconhecendo as favelas como territórios produtores de soluções, redes de cuidado e resistência.

Ao longo da iniciativa, três projetos estruturaram as atividades: o Cria Saúde, voltado à formação de agentes populares em saúde; o Plantando Saúde, que integrou saberes ancestrais de comunidades quilombolas e de terreiros ao Sistema Único de Saúde (SUS); e o Impulso de Gerações, focado em produção de memória, cultura e direitos intergeracionais.

Juntas, as ações mobilizaram cerca de 550 moradores de diversos territórios como Jacarezinho, Rio das Pedras, Cidade de Deus, Praça Seca, Maré, Manguinhos, Rocinha, Complexo do Alemão, São João de Meriti, Duque de Caxias, Guapimirim, Magé e Nova Iguaçu.

Todos os projetos são viabilizados por meio de emendas parlamentares destinadas ao financiamento de bolsas, profissionais e à manutenção das ações desenvolvidas. O deputado federal Lindbergh Farias, idealizador e mantenedor

do projeto, participou da conferência e ressaltou a importância da iniciativa na valorização das soluções construídas pelas próprias comunidades. *“Em vez de tentar agradar prefeitos, pensando só em eleição, a gente tomou a decisão política de usar a verba das emendas parlamentares para apostar num trabalho de formação para que surjam novas lideranças nas favelas do Rio de Janeiro. Nós precisamos ter ativistas de base que discutam os problemas, mobilizem mais pessoas e defendam seus territórios. É como se o poder tivesse que ser tomado de baixo pra cima”*, enfatizou.

Durante o evento, o parlamentar se mostrou positivamente surpreso com os resultados alcançados, mesmo diante das expectativas já elevadas, e anunciou a continuidade das ações. *“Esse projeto que a gente começou aqui na Fiocruz precisa ser transformado em um programa nacional de formação para alcançar ainda mais pessoas e ter impacto no país inteiro”*, concluiu Lindbergh.

## Construção coletiva das propostas

A etapa preparatória incluiu uma pré-conferência realizada em três dias, na Unisum, em Bonsucesso. No dia 28 de fevereiro, o eixo Cria Saúde reuniu moradores e pesquisadores para debater a saúde integral nas periferias. Em 2 de março, o Plantando Saúde promoveu encontros com lideranças de comunidades tradicionais e religiões de matriz africana. Já no dia 7 de março, o Impulso de Gerações articulou agentes culturais e representantes comunitários.



Durante a fase de pré-conferências foram montados Grupos de Trabalho (GTs) para aprofundar as discussões temáticas, baseando-se em diagnósticos locais e na formulação de soluções para os territórios. Como resultado desses encontros, os mobilizadores consolidaram as 87 propostas, organizadas em 10 eixos temáticos, incluindo saúde mental, habitação, saneamento, cultura e combate à violação de direitos.

Segundo Márcia Souza, uma das tutoras do projeto Impulso de Gerações, que mobiliza 250 moradores na Cidade de Deus, Maré e Manguinhos, *“a iniciativa teve um grande impacto nos territórios ao contribuir para o desenvolvimento pessoal e transformar a percepção dos envolvidos sobre o valor do próprio trabalho, a partir do reconhecimento de expressões culturais que antes eram invisibilizadas”*.

O historiador e quilombola Marú, tutor do Cria Saúde, explicou que o projeto atua em Rio das Pedras, território latifun-

diário ocupado nos anos 1960, durante a ditadura militar, por moradores que resistem a tentativas de remoções até hoje. *“O Cria Saúde vai estruturar um futuro melhor para o Rio das Pedras, já que o local ainda não é reconhecido como bairro e isso dificulta muito o acesso às políticas públicas mais básicas, como saúde e saneamento”*.

Para Tainá Cláudio, uma das tutoras do Plantando Saúde, desenvolvido na Praça Seca, o projeto valoriza os saberes dos povos tradicionais quilombolas e de terreiros. *“Essa iniciativa tem sido fundamental para nossa comunidade porque incentiva o cultivo de alimentos e ervas medicinais nas nossas hortas, fortalecendo a soberania alimentar e a nossa ancestralidade”*.

As 87 propostas vão compor um documento final que será utilizado como instrumento de incidência política junto ao poder público, com o objetivo de viabilizar políticas públicas estruturantes para favelas e periferias do estado do Rio de Janeiro.

